

A Insubordinação do Olhar no Tempo e Espaço da Resistência: O Jornalismo da Vida que Ninguém Vê, mas que Grita¹

Renata CARRARO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP
Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

RESUMO

Renunciando à pretensão de definir cercas e fronteiras onde a vida convoca para um diálogo com a diversidade do mundo, o presente texto traz para a reflexão o humano miúdo em seu comércio com o fazer jornalístico. Provavelmente se possa afirmar nada existir de novo debaixo do sol desse saber que expressa a força da vida que ninguém vê, nos termos bem conhecidos que dão título a uma obra da repórter gaúcha Eliane Brum. Mas talvez seja importante repeti-lo, tanto quanto possível, porque é nesse território movente da presumida insignificância política e social que o jornalismo adquire uma vitalidade que só uma vinculação estreita com a negação da vida torna possível. Com um método entre descritivo, narrativo e interpretativo, trazemos uma reflexão que junta o humano miúdo com um olhar insubordinado, militante, furioso às vezes. Será que não existe mesmo nada de novo debaixo do céu?

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; teoria do jornalismo; reportagem; perfil jornalístico.

“Há duas maneiras de se visitar um zoológico: com ou sem inocência”, escreve a jornalista e repórter gaúcha Eliane Brum em um trecho de “O cativoiro”, uma das histórias que integram a coletânea *A vida que ninguém vê* (2006). “A primeira é a mais fácil. E a única com satisfação garantida. A outra pode ser uma jornada sombria para dentro do espelho. Sem *glamour* e também sem volta” (BRUM, 2006, p. 54).

A jornada para dentro de si mesmo, no confronto existencial e dramático entre a liberdade sonhada e a escravidão que não se deseja, mas que é de múltiplos modos real na vida de tantos e tantas, ganha corpo, na sequência da obra, no comparativo entre homem e animal, por meio dos perfis de Beto, um babuíno sagrado; Peposa e Rayban, ursos-de-óculos, mãe e filho; Pinky, Nely e Mohan, elefantes, os dois últimos já falecidos, tendo Nely morrido “tentando alcançar a liberdade” (BRUM, 2006, p. 55).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e das Faculdades Integradas Rio Branco (FRB) de São Paulo, SP. E-mail: recarraro69@gmail.com.

As micro-histórias do cotidiano do zoológico/mundo da vida, que ganham corpo em acontecimentos aparentemente triviais, como os do dia a dia enjaulado de babuínos, ursos e elefantes, trazem revelações importantes sobre o “mais perigoso tipo de fúria”, “a da impotência”. Histórias que incluem o episódio da fuga de Alemão, um macaco que, tendo escapado das jaulas, “em vez de mergulhar na liberdade, desconhecida e sem garantias”, “caminhou até o restaurante lotado de visitantes”, onde “pegou uma cerveja e ficou bebericando no balcão”, enquanto “os humanos fugiram apavorados”, porque “o macaco havia virado um homem” (BRUM, 2006, p. 54). As micro-histórias incluem, ainda, os tigres-de-bengala, que “são reis da fantasia”:

Têm voz, possuem músculos, são magníficos. Mas nascidos em cativeiro, já chegaram ao mundo sem essência. São um desejo que nunca se tornará. Adivinham as selvas úmidas da Ásia, mas nem sequer reconhecem as estrelas. Quando o sol escorrega sobre a região metropolitana, são trancafiados em furnas de pedra, claustrofóbicas. De nada servem as presas a caçadores que comem carnes de cavalo abatido em frigorífico. De nada serve a sanha a quem dorme enrodilhado, exilado não do que foi, mas do que poderia ter sido. E que jamais será (BRUM, 2006, p. 55).

“A revelação dessa visita subversiva ao zoológico” de Sapucaia do Sul, município da região metropolitana de Porto Alegre, “é que, no cativeiro, os animais se humanizam”, considera a repórter no final de sua “crônica-reportagem”, publicada no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, no longínquo episódio, mas sempre atual e presente na vida de todos nós, do dia 11 de setembro de 1999. “O cárcere lhes arranca a vida, o desejo e a busca. E mais e mais vão se parecendo com os homens que os procuram na certeza de um alibi” (BRUM, 2006, p. 56). O texto “subversivo”, como a ele se refere a própria autora, lança ao final uma pergunta “perigosa”:

O que aconteceria se você encontrasse a chave do cadeado invisível de sua vida? O que aconteceria se você saltasse sobre o fosso de sua rotina?
O que aconteceria se você desse o passo da elefanta?
Bem, talvez seja melhor caminhar até o balcão e beber uma (BRUM, 2006, p. 56-57).

Vencedor do Prêmio Jabuti de 2007 na categoria “Melhor Livro-Reportagem”, *A vida que ninguém vê* reúne 23 das 46 “crônicas-reportagens” – como as chama Eliane Brum –, publicadas todo sábado no jornal porto-alegrense, por quase onze meses, durante o ano de 1999. O convite para produzi-las veio de Marcelo Rech, diretor de redação na

época, a quem Eliane Brum (2006, p. 199) agradece, nas últimas páginas da obra, por ele ter oferecido a ela “o maior presente que um repórter pode ganhar – uma coluna sobre a vida cotidiana”.

Convém prestar atenção a cada termo e a cada expressão que esta nossa pequena e quase despreziosa visita analítico-interpretativa descobre de importante na conversa com o texto de *A vida que ninguém vê*. Sublinhemos desde já e com linhas duplas, aqui e agora, a importância para o jornalismo do “presente” que Eliane Brum comemora ter recebido para se lançar, a convite de seu diretor de redação, na aventura da vida cotidiana.

Ora, essa vida cotidiana com os seus saberes, esse campo fértil para o trabalho jornalístico constitui, “o fio de Ariadne” desse mundo comum, como a ele se refere Hannah Arendt: é essa vida comum e sem importância (MAFFESOLI, 1995; 1998; 2007) que nos leva a todo momento de fora para dentro do labirinto da existência e que de lá nos traz de volta, salvos, sem sermos devorados pelo monstro, o Minotauro. É esse mesmo “Fio de Ariadne” que, voltando ao pensamento arendtiano, nos permite o movimento e a compreensão, sempre difícil e nunca acabada, do mundo em que nos foi dado existir (ARENDR, 2008a), mundo onde corre livre e solta a banalidade do mal (ARENDR, 1999; 2008).

Esse encontro ora amoroso e ora trágico de cada um consigo mesmo, intermediado por histórias miúdas e humanas – mesmo quando de bichos – que o labor jornalístico insiste em levantar, forma a base ampla sobre a qual se assentam os diferentes momentos do texto que aqui se apresenta. O primeiro desses momentos nos põe de novo em conversa com a obra e algumas de suas histórias, cujas dinâmicas humanas complexas e arquetípicas – humanas em profundidade, poderíamos dizer, para além de nossas múltiplas diferenças e das assimetrias que nos dividem em grupos, posições políticas, classes etc. – borram as fronteiras de tempo e espaço e nos projetam no fluir da existência para além das vicissitudes da História, sempre incerta (MORIN, 2001; 2011).

Os outros três momentos incluem uma conversa com o diretor do *Zero Hora* de então, Marcelo Rech (que escreve o prefácio “*A vida que ninguém vê* como eu a vi”), uma segunda conversa, desta vez com o repórter Ricardo Kotscho (autor do posfácio: “Humanos anônimos”), e uma terceira conversa, de novo com a própria Eliane Brum (que escreve “O olhar insubordinado”, um pequeno ensaio de dez páginas no final de sua obra). Configura-se como um convite a todo e a toda repórter para fugir da domesticação do olhar.

O tema da “domesticação do olhar”, essas distintas camadas de cataratas (BRUM, 2006) que não deixa ver o extraordinário daquilo que Maffesoli, em distintas de suas obras (MAFFESOLI, 1995; 1998; 2007), chama de “vida sem qualidades” ou de “anódino”, traz referências históricas importantes, pelo sim e pelo não, à atividade jornalística.

SOBRE O CONTEÚDO DAS HISTÓRIAS

Os títulos, contextos físicos e sociais, além dos conteúdos de cada uma das 23 histórias deixam em seu conjunto bem clara a opção da repórter por ver e registrar aquilo que ela considera o ordinário que é extraordinário na vida de todo mundo, de modo ainda mais forte na vida dos anti-heróis do cotidiano. O lado mágico – não lógico, nem liso e nem reto – dessa construção de sentidos sobre o mundo e sobre a vida nasce do confronto visceral da repórter com a tragédia-comédia dos desafortunados, os anônimos, os “zés e marias”, como a eles se refere Marcelo Rech (2006, p. 14).

Pode ser a história do enjeitado Israel, da Vila Kephas, em Novo Hamburgo, RS, filho de pai pedreiro e mãe morta, que se encanta pela professora Eliane e começa a estudar, junto com outras 31 crianças. Ou a de Adail José da Silva, que chegou de Canela, no interior do estado, para se tornar com o tempo carregador de bagagem no maior aeroporto do Rio Grande do Sul.

Adail desembarcara ali, na frente do Aeroporto Salgado Filho, há 36 anos. “Chegou num ônibus de molas cansadas, emerso da serra gaúcha, onde tinha as mãos manchadas pelo sangue dos pinheirais.” Trazia uma “mala vermelha, de couro, meia dúzia de tarecos dentro, grudada no corpo. Estaqueou na porta do aeroporto, naquele tempo metade do que é hoje, mas já enorme para ele. E se recusou a entrar” (BRUM, 2006, p. 28). Adail, carregador de malas no aeroporto, sonha em viajar de avião. E uma segunda história do mesmo livro, repercutindo a força da primeira, conta que um dia ele voou – e nesse dia “ele chegou ao céu”:

Adail queria voar até Aparecida do Norte (SP), onde devia uma promessa à santa. Quinze anos atrás, Nossa Senhora tinha curado sua perna doente. Em troca, Adail lhe devia um carpim. Mas o tempo passava, a dívida ia pesando, porque não há credor mais rigoroso que santo, e nada de Adail arranjar um jeito de acertar o débito. O pessoal da TAM leu a história do homem que queria voar e decidiu patrocinar o sonho de Adail. Foi assim que o carregador,

depois de uma vida inteira sem sair do chão, voou. Na última quarta-feira, dia 14 de julho, data que, se não ficar na história da aviação, na de Adail com certeza está lá, marcada como o dia em que ele chegou ao céu (BRUM, 2006, p. 171).

O que é a realização de um sonho para Adail, metáfora do velho sonho humano de voar, esbarra de frente com o anti-sonho da morte em geral e da morte do pobre em particular. Em “enterro de pobre”, no cemitério da Santa Casa, em Porto Alegre, o abatedor de árvores Antonio Antunes enterra “o filho que morreu antes de nascer”. E “enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida”. Um filho “sem nome, sepultado numa cova rasa, sem padre e sem flor”, observa a repórter. “Porque a cova de pobre tem menos de sete palmos, que é para facilitar o despejo do corpo quando vencer os três anos do prazo. Então é preciso dar lugar a outro pequeno filho de pobre por mais três anos. E assim sucessivamente há 500 anos” (BRUM, 2006, p. 39).

Depois da filha, agora Antonio sepulta a esposa, uma segunda história do mesmo anti-herói, ligando entre si dois momentos de uma mesma tragédia, como também foram duas as histórias que, no caso de Adail, culminaram com a realização de um sonho:

Lizete foi enterrada em Butiá na manhã de segunda-feira. Na terça, Antonio preparava um arroz com linguça para os dois filhos sadios no casebre alugado e agora vazio. No armário meio capenga, duas contas de luz atrasadas e um aviso de corte. Puxando um carrinho de plástico, Bruno, de três anos, pedia pela mãe. Fernando, de oito, ajudava o pai em silêncio. No Hospital de Butiá, Fernanda tinha alta, mas não se sabia para onde levá-la. A conselheira tutelar tentava evitar que fosse enviada para a unidade especial da Febem. Em Porto Alegre, no Hospital Santo Antônio, Luiz Oscar respirava com a ajuda de um tubo de oxigênio. Na próxima segunda-feira, Antonio voltará a descascar eucaliptos para viver. Antes de perder a consciência, Lizete agarrou a sua mão e fez com que promettesse que manteria os filhos unidos (BRUM, 2006, p. 169).

Outros 17 textos, além dos seis citados, costumam sentidos e sem-sentidos da vida desses anti-heróis e anti-heroínas que tecem, com suas tragédias e suas comédias, o cotidiano de um país onde as estatísticas da banalidade do mal da injustiça e da violência estrutural contra os pobres acabam por revelar uma história de mais de quinhentos anos de desaforo.

No número 81 da rua Bagé, no bairro de Petrópolis, em Porto Alegre, mora o “Colecionador das almas sobradas”, Oscar Kulemkamp, que tem a estranha mania de guardar tudo o que as pessoas jogam no lixo, como memórias de um passado esquecido.

O calçadão de uma outra rua, a da Praia, na região central da cidade, há trinta anos, é o campo de batalha de “seu Vico” para os amigos e de “Sapo” para o povo da rua. Ele pede esmolos com a barriga contra a calçada, vendo o mundo de baixo para cima. A repórter se agacha, subvertendo as regras do jogo. Quando se despede dele, no final, ele a convida para um churrasco na Páscoa. “Acostumado à tragédia de pagar por tudo que tem, inclusive o afeto, diz que se eu concordar em ir, me paga o táxi. Eu digo que não precisa, que vou por gosto. Apertamos as mãos. Eu volto para o alto” (BRUM, 2006, p. 63).

E seguem as histórias desses anti-heróis e anti-heroínas que na verdade são Ulisses, no dizer da repórter, sob a ótica de um “olhar insubordinado”:

O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto que *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida, uma *Odisséia* (BRUM, 2006, p. 187).

TRÊS MOMENTOS DA PRODUÇÃO DO TEXTO

Em “*A vida que ninguém vê como eu a vi*”, o prefácio à obra, Marcelo Rech (2006, p. 13-16), o diretor de redação que em fins de 1998 chamou Eliane Brum para lançar à jovem repórter o desafio, que ela topou imediatamente, de “extrair crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras” (RECH, 2006, p. 13), fala sobre as origens e o desenvolvimento do projeto editorial.

“Crônicas reais de pessoas comuns”, um “misto de crônica, reportagem e coluna”, ou simplesmente “crônicas da vida real”, tanto faz, para Rech (2006, p. 13) o trabalho de Eliane Brum ilumina “um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro”. Ele considera que “a série provou o contrário”: “Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do Sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa” (RECH, 2006, p. 14).

“Talento”, “talento sensitivo” e a capacidade de “identificar lados inesperados de situações esperadas” (RECH, 2006, p. 15) ajudam a tentar fechar de algum modo palpável as contas da responsabilidade social, humana e cidadã da repórter no trânsito com os

anônimos. Rech fala de “três momentos decisivos” no “caminho” percorrido pela repórter até a gestação de sua página de sábado:

No primeiro, talvez o mais crítico, por requerer um exercício de precisa inspiração e sensibilidade, recrutava seu tema e definia seu personagem [...]. Em seguida vinha a tarefa mais espinhosa para muitos jornalistas e seus entrevistados, mas provavelmente o momento mais natural para quem conhece Eliane: deixar-se devassar diante da repórter de voz suave, olhar terno e sensibilidade extra-sensorial (RECH, 2006, p. 14).

A “empatia enigmática” que estabelece com suas fontes se revela nesse segundo momento “um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias”, sempre de acordo com o modo de Marcelo Rech enxergar as coisas: “Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto” (RECH, 2006, p. 14-15). Essa “empatia enigmática” pode ser, talvez, entendida como a opção por um “olhar insubordinado”, de acordo com o modo de a própria Eliane Brum enxergar as coisas, como veremos adiante. Cobra da repórter uma inversão do olhar, uma mudança de postura, inclusive física. Como ela mesma conta na parte inicial da história do “Sapo”:

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há mais de uma década nos cruzávamos na Rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés-do-chão. Eu mirando seu rosto. Ele, os meus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares, subvertendo as regras do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos. Descobri que o nome dele é Alverindo. Ele soube que me chamo Eliane. Contou-me que os amigos o conhecem por “seu Vico”, e o povo da rua por Sapo. Por causa da eterna posição, lambendo com a barriga as pedras da rua. E contei-lhe que sou jornalista e escreveria sobre ele. E então apertamos as mãos (BRUM, 2006, p. 60).

A subversão do olhar, verdadeira proposta de insurgência de que fala Eliane Brum, começa e termina com um aperto de mão: enquanto o primeiro é precedido pelo gesto de se agachar da repórter, o segundo precede o gesto de voltar para o alto, como ela diz. O episódio é usado como exemplo pela própria autora, em “O olhar insubordinado” – ensaio que aparece no final do livro, depois do Posfácio –, para ilustrar a ideia de que, ao compreender melhor o país a partir dessa mudança de olhar, passou a “amar mais seu povo não com o coração, mas com o fígado”, escreve. Declaração forte, sem dúvida, que se materializa na produção da autora. “Isso me transformou não em outra, mas em mais furiosamente eu mesma” (BRUM, 2006, p. 189). E, então, o exemplo, extraído por ela

das duas dúzias e pouco de perfis que trazem os dramas dos anônimos, da “vida que ninguém vê”:

Em 1999, ao trilhar as ruas de Porto Alegre, pelas quais tantas vezes eu tinha andado, o desafio era pisar sobre as mesmas pedras, mas olhar de outro lugar. Não é um truque banal, é uma alteração de foco que se faz em apenas um segundo e uma inclinação de alguns centímetros do pescoço, mas que resulta avassaladora. Um exemplo. O mendigo da Rua da Praia, estatelado no chão, barriga sobre a laje, havia 30 anos. Não sei quantas vezes passei por ele com pena e culpa. *A vida que ninguém vê* me impôs – e não foi fácil – curvar o pescoço, me agachar e colocar os meus olhos no mesmo plano dos olhos dele. Dessa posição de igualdade, pude enxergá-lo. Bastou olhar para baixo para que Sapo pudesse me contar como era olhar para cima (BRUM, 2006, p. 189).

A ideia estratégica da insubordinação do olhar, da subversão, da alteração de foco – como forma de romper com o “olhar domesticado”, instaurador de rotinas, para cultivar uma relação de afeto (MEDINA, 2006; 2016) com os personagens da reportagem –, marca de forma acentuada e dramática esse segundo momento da produção de um texto jornalístico com esse perfil. E é a condição para o bom resultado da terceira e última etapa, “a tarefa mais simples para Eliane – escrever magistralmente – e a mais tenebrosa das missões”, continua Rech (2006, p. 15):

[...] conter seu próprio ímpeto de narrar além, de percorrer escaninhos da vida dos entrevistados que as limitações de espaço de um jornal não conseguiriam jamais conter. Em permanente ebulição jornalística, Eliane vivia no fechamento da coluna o drama de enquadrar em somente uma página o retalho de vida que para outros repórteres não valeria uma nota.

Os muitos elementos e lados desse saber que a escrita jornalística colada com a vida (que ninguém vê) gera e produz se traduzem, em *A vida que ninguém vê*, em lições sobre a vida humana, a história, a sociedade, a economia, o Brasil... Traçam o perfil dos anônimos, dos “zês e marias do sul do Brasil” e também um perfil da Porto Alegre vista sob o foco do olhar insubordinado, não domesticado. Contribuem, na visão de Marcelo Rech, “para marcar a história do jornalismo brasileiro” (RECH, 2006, p. 13).

Rech espera mesmo que um dia – quem sabe? – algum “acadêmico de comunicação”, como ele diz não sem uma pontada de desprezo ao citar as “teses herméticas deslocadas da vida real das redações”, “encare a tarefa de trazer à luz como Eliane traçou uma parte da história do jornalismo brasileiro ao escrever notáveis reportagens (ou seriam crônicas?) extirpadas das ruas anônimas” (RECH, 2006, p. 14).

A ESCRITA “COM A ALMA”

O trio de conversas anunciadas dialoga a partir de agora com o Posfácio de Ricardo Kotscho (“Humanos anônimos”), para quem Eliane “se especializou em contar a vida de humanos anônimos” (KOTSCHO, 2006, p. 177), apaixonada como ela é “pelo ofício de contar histórias” (KOTSCHO, 2006, p. 180). Eliane, recorda Kotscho, ele mesmo um repórter e contador de histórias de olhar insubordinado:

[...] procurava fugir da vala comum da pauta, cavando suas próprias histórias em quebradas escondidas da mídia onde descobriria personagens e assuntos que não estão nas agendas das redações – do solitário enterro de pobre à toca do colecionador das sobras da cidade, do carregador de malas no aeroporto que nunca voou ao cantor cego que inferniza a vizinhança anunciando a megasena acumulada (KOTSCHO, 2006, p. 180).

O comentário de Kotscho sobre algumas das histórias de *A vida que ninguém vê*, legitimando a tentativa da repórter de “fugir da vala comum da pauta” ao ir à descoberta de “personagens e assuntos que não estão nas agendas das redações”, lembra um episódio na vida do próprio Kotscho que acabou por transformá-lo no “repórter do pipoqueiro” – ele mesmo que, como conta em *A aventura da reportagem*, escrito junto com o também jornalista Gilberto Dimenstein, gostava de ficar pela plateia, enquanto todos cobriam o palco”, para dar “uma espiada nos bastidores” (DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p. 68). O contexto era o da visita do general e presidente Costa e Silva a São Paulo num final de semana, tendo Kotscho sido enviado pelo jornal onde trabalhava, *O Estado de S. Paulo*, para cobrir a passagem do “poderoso general-presidente” pela cidade. O olhar não-domesticado de que fala Eliane Brum se faz presente:

Meio por necessidade de fazer algo diferente [*O Estadão não saía às segundas*], meio por sacação, já que a imprensa sempre se ocupava dos mesmos personagens, civis ou militares, oficiais sempre, fui falar com o povo que estava no Horto Florestal. A melhor história era a de um velho pipoqueiro e resolvi centrar a matéria nele. Publicaram, gostaram, e a partir daí virei o “repórter do pipoqueiro”, uma forma sutil de me esculhambar, assim como quem diz: esse é o cara que nós temos para escrever sobre coisas sem importância (DIMENSTEIN; KOTSCHO, 1990, p. 68).

A “fuga da vala comum” ao encontro dos personagens “humanos anônimos”, como os chama Kotscho, é ilustrada por ele com o seguinte episódio da vida de Eliane Brum em sua passagem pelo *Zero Hora*, onde ela entrou em 1998 e ficou até o ano 2000, saindo de lá para trabalhar na revista *Época*:

Escalada para cobrir a inauguração do primeiro McDonald’s de Porto Alegre, na praça da Alfândega, já em sua estreia no jornal Eliane encontrou o filão que a diferenciaria dos outros repórteres. Em vez de fazer o registro burocrático habitual, ela puxou conversa com os aposentados que frequentam a praça. Acabou escrevendo um texto sobre o estranhamento entre a recém-chegada modernidade *fast-food* e os personagens de um tempo passado (KOTSCHO, 2006, p. 180).

Kotscho chama de “crônica” ao jeito de Eliane Brum escrever reportagens ou também, vice-versa, de “reportagem” o jeito de ela escrever crônicas. Também traz a informação de que essa série de textos – reportagens, crônicas ou perfis jornalísticos, o gênero textual é o que menos importa neste nosso contexto – ganhou em 1999 o Prêmio Esso Regional, atestando a sua qualidade. Depois, como já sabemos, viria o Prêmio Jabuti, em 2007, que passaria a compor a extensa lista de prêmios da mais premiada jornalista brasileira da atualidade. Eliane Brum é um daqueles repórteres, aponta ainda Kotscho, que “têm iniciativa, fogem dos lugares-comuns e escrevem com a alma, o que é cada vez mais raro” (KOTSCHO, 2006, p. 181).

O OLHAR COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA JORNALÍSTICA

Por fim, algumas anotações ainda sobre o texto “O olhar insubordinado”, que a autora abre dizendo que sempre gostou das “histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico” (BRUM, 2006, p. 187).

“Estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que era do senso comum, o que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas”: esta era a proposta da “coluna de crônicas-reportagens”, confirma Eliane Brum (2006, p. 187), que em sua trajetória de repórter se preocupa com “desacontecimentos, não-fatos, antinotícias, anonimatos” (BRUM, 2006, p. 188). E o que se encontra, nessa mudança de foco, nessa opção pela insurgência do

olhar “é não o herói, mas o homem – não o mendigo, mas o homem. Um milhão de vezes mais interessante e libertador” (BRUM, 2006, p. 190).

O novo e insurgente olhar rompe não apenas com a rotina, mas também com a visão das superfícies encobertas por máscaras e sombras de todo tipo, para atingir o território sem nome onde nos identificamos como humanos em nossas dores e esperanças, em nossos medos e em nossos sonhos, nas imagens incômodas que perturbam a ilusória segurança do cotidiano vivido sem “fígado”.

Esta, com efeito, se revela o tempo todo a força maior que resulta da coragem de pautar os “fatos não marcados”, como os chama Muniz Sodré, em *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento* (2009): bem lá no fundo, nós, os que somos impedidos pelo olhar subordinado e domesticado de nos agachar para ver a vida a partir de baixo, com e como o Sapo da Rua da Praia de Porto Alegre, nos sentimos interpelados, convocados e desafiados a nos identificar, ao ler essas histórias, com esses humanos desumanizados que de fato são a mais visível, mesmo quando invisibilizados, negação do humano em nós mesmos. Invisibilidade e silenciamento que grita. Calar é preciso, para escutar o silêncio:

É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio (BRUM, 2006, p. 191).

A experiência de subversão do olhar aparece desde muito cedo na vida da repórter. Já em 1993, cinco anos depois de entrar para o *Zero Hora*, ela “havia ensaiado sua vida que ninguém vê numa histórica séria de reportagens sobre a Coluna Prestes – ou melhor, sobre a Coluna Prestes que ninguém via”, escreve Marcelo Rech:

Ao percorrer 25 mil quilômetros empoeirados do Brasil, Eliane nutriu suas anotações com a matéria-prima das melhores reportagens da vida comum. Das testemunhas anciãs da passagem da Coluna, a quem passou chamar de “o povo do caminho”, obteve o mais surpreendente e fiel relato sobre a marcha de homens que a parte do país com voz – 70 anos depois – considerava heroica mas que, na verdade da repórter, se delineava também como uma procissão de roubos e atrocidades (RECH, 2006, p. 15).

Essa coerência na opção por um “olhar insubordinado” frequenta desde essa época, e com renovado vigor, a trajetória de vida da repórter. Pode ser vista, também, nos

livros que escreveu e em diversos projetos jornalísticos de que até hoje participou. Mostra-se, ainda, nos prêmios que recebeu. Tudo somado, temos aqui uma história viva, nascida da subversão das rotinas. Um ato de resistência.

CONSIDERAÇÕES EM TRÂNSITO

É possível, como eu alertava desde o início, já no resumo, que nada de novo pareça se anunciar neste artigo, que é escrito de forma simples, quase coloquial, sem grandes pretensões acadêmicas. É possível, até, que algum jornalista e pesquisador torça o nariz para aquilo que pode parecer um culto ao óbvio e à mesmice. Antes fosse.

Mais além de tudo quanto foi até aqui dito e interpretado neste texto sobre o significado humano, social e político, e para o campo do próprio jornalismo, desse olhar não subserviente, resiliente, insubordinado, convém anunciar, aqui e agora, dois objetivos muito importantes que atravessam todo este artigo, e o fazem um pouco na contramão da ortodoxia acadêmica, que manda colocar no começo o que estou colocando no fim.

O primeiro objetivo tem a ver com um dado inegável da conjuntura econômica, social e política do Brasil: o olhar insubordinado necessita, sim, em nome da responsabilidade social e da ética, que desde sempre as teorias do jornalismo associaram ao campo da produção da notícia, ver “com o fígado” (Eliane Brum) o aumento insustentável do número desses anônimos e anônimas que circulam por ruas, praças e comunidades periféricas deste Brasil onde as elites tramaram de novo um golpe contra a democracia e contra direitos duramente conquistados em governos anteriores. Em tempos de muita tecnologia, inteligência artificial e fascínio por algoritmos, minha hipótese é que a rua da “vida que ninguém vê” continua sendo o lócus privilegiado para o melhor exercício do jornalismo.

Isso que pode talvez ser visto como uma hipótese de trabalho já introduz a apresentação do segundo objetivo, que tem a ver com a busca de novos formatos e de novas identidades editoriais do jornalismo neste mundo agitado e glamoroso da revolução digital. Mais do mesmo, de novo: a hipótese, que abre para uma discussão que aqui não poderá ser levada em frente, é que talvez, mais do que olhar para cima, para o alto, para torres e monitores, para virtualidades e limites do algoritmo cada vez mais nosso de cada dia, tenhamos que nos agachar, olhar para o chão, perscrutar a vida onde a mesma vida é negada. A história do Sapo. De novo. Sempre atual.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDDT, Hannah. Compreensão e política (As dificuldades da compreensão). In: ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a, p. 330-346.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KOTSCHO, Ricardo. Humanos anônimos. In: BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006, p. xx-xx.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução a uma sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEDINA, Cremilda. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: Unesco, 2011.
- RECH, Marcelo. *A vida que ninguém vê* como eu a vi. In: BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006, p. 13-16.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.